MENÇÃO HONROSA

Matilde Vila Lopes
(Escola Secundária José Gomes Ferreira)

ENSAIO

TÓPICO D

NÃO ESCREVA O SEU NOME OU QUALQUER FORMA DE IDENTIFICAÇÃO! NÃO ESCREVA O SEU CÓDIGO SECRETO NOUTRO LOCAL DESTE ENSAIO!

NÃO ALTERE O FORMATO DO TEXTO – Calibri 11, espaçamento 1.15, justificado. PODE USAR **NEGRITOS**, *ITÁLICOS* OU SUBLINHADOS.

Realização ilusória ou realidade implacável?

O presente ensaio constituirá um testemunho de uma atividade reflexiva, a qual incidirá sobre o problema filosófico da máquina de experiências, intuitivamente formulado nos seguintes moldes: será preferível a ligação definitiva a uma máquina de experiências, ou antes a recusa desta controverso, ainda que tentador, subterfúgio aos desafios da realidade implacável? É relevante referir que, no contexto da reflexão, considerar-se-á a já referida "máquina de experiências" como um dispositivo capaz de proporcionar ao utilizador qualquer experiência desejada. Dito de outro modo, com a opção pela via da "máquina de experiências", o indivíduo seria capaz de planear "de antemão as experiências da [sua] (...) vida": estaria a seu dispor a satisfação de desejos desde a experiência de um amor autêntico e "para a vida", até à saúde de um seu familiar fatalmente doente. Ao leitor poderá, como primeiro impulso, surgir um sentimento de indignação perante a dúvida que aqui se coloca, e ainda mais para o caráter filosófico que é atribuído ao problema; poderá ocorrer um pensamento como: *se tal possibilidade fosse colocada à disposição, porque recusar? Afinal, serei capaz de concretizar todos os desejos e de efetivar todas as ambições dos meus familiares e amigos, além de se tornar possível a conceção do chamado* mundo perfeito*, onde o sofrimento, a angústia e a dor não encontram lugar*. O caráter filosófico da questão será explicitado no decorrer do ensaio. Deste modo, prende-se que, após a leitura do ensaio, o leitor seja capaz de tomar uma posição bem fundamentada perante a questão, e não apenas que adira à perspetiva que será defendida. A importância do problema prende-se, em grande medida, com o contexto atual de desenvolvimento tecnológico. A índole insaciável e ambiciosa da consciência humana motiva a espécie à conjugação de esforços no sentido de inovar e desenvolver, constantemente. Tal índole encontra reflexo na tecnologia, cujo ritmo de aperfeiçoamento é assustadoramente acelerado. De facto, não será confiar excessivamente na capacidade intelectual do Homem referir que, num futuro próximo, a "máquina de experiências" será uma opção viável (na qual o corpo *flutuaria num tanque de realidade virtual com elétrodos ligados ao cérebro*). Assim, torna-se fulcral a reflexão sobre o caráter desejável, ou mesmo aceitável, do dispositivo.

Perante o problema filosófico explicitado, apresentam-se ao leitor três resoluções possíveis. Primeiramente, pode encarar o dispositivo como a salvação, o escape dos dissabores diários

com que os indivíduos se deparam. Em segundo lugar, é possível acreditar que o cariz desejável ou indesejável da ligação à máquina é dependente da dimensão circunstancial da vivência do indivíduo: caso este viva uma vida recheada de alegria e de realização, não será "boa ideia" o abandono da realidade. Se, por outro lado, o indivíduo viver atormentado por angústias e sofrimentos que o limitam a meramente idealizar a felicidade, será aconselhável a utilização do dispositivo. Por último, apresenta-se ao leitor a hipótese de recusar o dispositivo, qualquer que sejam as circunstâncias no momento.

Seguidamente, desenvolverei cada uma das posições, na procura da que mais se adequa ao problema.

Tome-se, por instantes, a primeira perspetiva como a correta, a que melhor responde à questão. O que decorre de tal decisão? Poder-se-á invocar o célebre argumento da banalidade da felicidade para objetar o ponto de vista: é sabido que, na esmagadora maioria dos casos, do planeamento, de antemão, das experiências individuais, decorreria a conceção de uma vida isenta de sofrimentos, angústias e frustrações. A felicidade tornar-se-ia a norma, o "dado adquirido", o elemento cuja abundância e recorrência lhe retirariam o valor. De facto, a felicidade plena torna a felicidade impossível, na medida em que as fontes do sentimento tornar-se-iam incapazes de o proporcionar no indivíduo que o sente em constância ininterrupta.

Relativamente à segunda posição, refere-se a sua vulnerabilidade e falta de sustentação racional patentes, recorrendo à crítica apontada à primeira: se o indivíduo sofredor procedesse à ligação à máquina, banalizar-se-ia a realização e a felicidade ao ponto de estas passarem a ser tomadas por garantidas, do que resultaria, talvez inevitavelmente, a incapacidade destas de preencherem a dimensão emocional do indivíduo.

Desenvolva-se, neste momento do texto, a terceira perspetiva, segundo a qual a recusa do dispositivo é o curso de ação aconselhável, independentemente de quaisquer fatores externos ou internos. Robert Nozick, filósofo de renome e defensor desta posição, argumenta que

> *em primeiro lugar, queremos fazer realmente certas coisas, e não ter apenas a experiência de as fazermos. Uma segunda razão para não nos ligarmos é o faco de querermos ser um certo tipo de pessoa. Alguém que flutuasse no tanque seria um borrão indeterminado. Seria uma pessoa corajosa, inteligente, engraçada ou afetuosa? Não haveria resposta para isso. A ligação à máquina consistiria numa espécie de suicídio.*
>
> Robert Nozick (1974) in Anarchy, State, and Utopia. *Basic Books*, pp. 42-3 [adaptado]

De facto, parece plausível a recusa independente da possibilidade de utilização do dispositivo, elevando-se a experiência vivencial desenrolada no mundo *real* ao estatuto de predileta, ainda que inevitavelmente associada a sofrimentos e desilusões.

De modo a credibilizar a perspetiva defendida, serão apresentados quatro argumentos, acompanhados das respetivas objeções e contra-objeções.

O primeiro elemento constituinte da fundamentação racional da perspetiva apresentada prende-se, invariavelmente, com o que se afigurou uma crítica às perspetivas rejeitadas: a banalização da felicidade. Reiterando o que foi dito, considera-se que a renúncia ao subterfúgio emocional e a entrega à realidade *natural* representa uma atitude que permite a felicidade, na medida em que a limita. O sentimento, enquanto elemento ocasional da vivência humana, não é anulado pela sua recorrência, já que constitui algo constantemente ansiado e ocasionalmente efetivado, por oposição a algo constantemente efetivado e ocasionalmente ansiado. Assim, a presente perspetiva possibilita o impedimento da banalização do conceito de felicidade. A título ilustrativo, considerem-se dois cenários: no primeiro, o leitor opta pela recusa do dispositivo, vivendo numa ânsia pela concretização do desejo de ver a sua carreira descongelada, o que se verifica, após alguns anos de greves e manifestações. No segundo, o leitor, cansado de não ver o seu esforço reconhecido, adere à "máquina de experiências", passando a tomar parte de uma realidade onde a sua carreira não só é aumentada, como progride consideravelmente, progressão esta que se torna uma constante. Ora, na primeira situação, o sentimento que envolve o leitor no momento do "descongelamento" é indiscritível. Ainda assim, visando completar a reflexão filosófica, apresenta-se uma possível, ainda que imperfeita, descrição do mesmo: uma alegria motivada pelo sentimento de realização, de recolha dos frutos de um esforço prolongado, de reconhecimento da capacidade individual de alterar o mundo, ainda que localmente, melhorando-o; em poucas palavras, uma felicidade imensa. Na segunda situação, o leitor, vivendo numa realidade na qual a progressão de carreira é constante, planeia as suas decisões futuras em função de tal progressão, tomando-a não como fonte de felicidade, mas como elemento necessário à experiência vivencial. Assim, conclui-se que a rejeição da "máquina de experiências" proporciona uma vida completa e feliz, pelo que coincide com o curso de ação mais aconselhável.

Com o intuito de desenvolver a sustentação da hipótese, afirma-se que são as angústias, o sofrimento, "os pontos baixos" da vida que permitem o desenvolvimento e aperfeiçoamento intelectuais, pessoais, sociais e profissionais. Tal ideia é sintetizada na conhecida passagem "os erros permitem a aprendizagem". Exemplificando com uma estrutura argumentativa idêntica à previamente utilizada, considerem-se duas situações. Na primeira, o leitor recusa a ligação ao dispositivo e, involuntariamente, ao procurar aconselhar um seu amigo, fere os seus sentimentos com palavras de eficácia e direção excessivas. Após tal evento, o leitor, enquanto ser racional e pensante, refletirá, ponderando o seu modo de ser e de agir, e, eventualmente, reconhecendo o caráter excessivo das suas palavras e alterando a sua conduta. Numa ocasião futura, será capaz de ponderar e estruturar melhor o seu discurso e de, por conseguinte, melhor auxiliar o seu amigo. Esta capacidade de o ajudar que em si reconhecerá será fonte de um sentimento de realização imensamente mais intenso, por comparação ao que aconteceria na segunda situação, na qual, aceitando a ligação ao dispositivo, nem sequer feriria as emoções do seu amigo, evitando esse desconforto momentâneo. Uma vez mais, conclui-se que a rejeição da máquina é a via preferível.

Como terceiro argumento, refere-se que a adesão à "máquina de experiências", ainda que pressupondo o planeamento individual de antemão das experiências da vida, afigurar-se-ia como uma exposição a possíveis atos manipuladores, por parte de entidades alheias. De facto,

se, por um lado, o leitor se pode considerar "senhor da sua vida[1]" ao rejeitar o dispositivo, o mesmo não se verifica como consequência da sua aceitação. Isto é, rejeitando-o, o leitor controla as suas ações; aceitando-o, expõe-se ao risco de que entidades alheias determinem os seus atos (fá-lo-iam recorrendo aos moldes da inserção de uma realidade virtual planeada previamente usados). Por exemplo, a recusa da "máquina de experiências" permite que o leitor escolha o local onde quer comprar a sua nova casa, decisão evidentemente condicionada por motivos financeiros; ao passo que, a aceitação da máquina propicia a manipulação das suas ações por um cientista, via sinais elétricos transmitidos ao cérebro através dos elétrodos a ele ligados. Logo, a terceira posição permite uma experiência vivencial plena e livre.

O quarto e derradeiro argumento remete para o discurso de Nozick. Ainda que, nesta fase do texto, o leitor não tenha aderido à posição defendida, por considerar que, apesar de tudo, é preferível viver numa realidade por si planeada, surge a seguinte interrogação: seria possível a afirmação da identidade de uma pessoa enquanto generosa, rude, atenciosa ou altruísta, caso esta viva numa realidade por si planeada? Não é possível responder. É o comportamento, a reação do indivíduo ao inesperado, que define a sua personalidade. Ora, o planeamento prévio da realidade anularia a possibilidade destas situações inesperadas, o que tornaria a afirmação da identidade emocional do indivíduo impossível. Clarificando, a experiência vivencial independente da "máquina de experiências" possibilita ao leitor classificar o seu amigo de altruísta, quando, perante uma sua chamada (inesperada) de pedido de auxílio, este abandona prontamente o conforto da sua casa e a companhia da sua família para o socorrer. Pelo contrário, numa realidade determinada pela ligação ao dispositivo, o leitor, tendo planeado de antemão as experiências da sua vida, não incorreria neste hipotético incidente, o que, considerando a anulação de todas as situações imprevistas, invalidaria qualquer tentativa de descrever a personalidade do seu amigo. Desta forma, a ligação à máquina reduziria o leitor, e todos os que estabelecessem a ligação, a um "borrão indeterminado", flutuando numa realidade à qual reconhece o caráter irreal, o que anularia a sua personalidade. Assim, de facto, "a ligação à máquina consistiria numa espécie de suicídio", um suicídio emocional.

Em conclusão, considerando a estrutura argumentativa desenvolvida no presente ensaio filosófico, seria, de facto, má ideia, como pensa Nozick, a ligação definitiva à "máquina de experiências". Esta afirmação encontra sustentação nas seguintes afirmações, coincidentes com sínteses dos argumentos desenvolvidos: a vida da realidade impede a banalização, e consequente perda de valor, da felicidade; permite o desenvolvimento e aperfeiçoamento do indivíduo; evita o controlo alheio da experiência vivencial e contribui para a afirmação do indivíduo enquanto entidade à qual é conferida uma personalidade definida. Assim, apesar do cariz aparentemente desejável de uma existência previamente planeada, conclui-se que a decisão de rejeitar a "máquina de experiências" se afigura como a mais benéfica, em termos de realização e felicidade dela decorrentes.

[1] A afirmação pressupõe a veracidade do Libertismo, e consequente recusa do Determinismo, as quais não serão aqui fundamentadas, por tal fundamentação acarretar um desvio ao tema proposto.

elevar

Todos os direitos reservados!

Cópia permitida somente se autorizada pela PROSOFOS ou pelo autor, nos termos do Regulamento das Olimpíadas Nacionais de Filosofia e participação de Portugal nas International Philosophy Olympiads, e da legislação vigente sobre os direitos autorais.